REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO — VOLUME VII — N.º 208

1 DE OUTUBRO 1884

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha coisa de seis mezes começou a publicar-se em Paris um jornal novo, que pela sua indole especial e unica no jornalismo francez devia merecer todas as sympathias, e mesmo toda a gratidão dos pequenos povos, como nós, portuguezes, e occupar um logar importante e até então vago ainda na bibliotheca de todos os estudiosos. Esse jornal era e é a *Révue universelle internationale*, e seu fundador o distincto romancista parisiense o sr. Jules Lermina, que tivemos o prazer de conhecer pessoalmente em Lisboa, quando ha annos aqui veio tomar parte no congresso litterario, promovido pela *Associação internacional de litteratura* de que elle foi o promotor, e é secretario perpetuo.

A *Revista universal* propõe-se a continuar um dos grandes e santos fins que presidiram á creação d'essa *Associação internacional* que tem por presidente de honra Victor Hugo, isto é a vulgarisação de todas as litteraturas, o anniquilamento das fronteiras e das nacionalidades para o grande mundo intellectual. Perante essa associação não ha estrangeiros, não ha pequenos e grandes povos, não ha litteraturas conhecidas e litteraturas obscuras, todas as differenças de raças, de linguagem, de clima, desapparecem totalmente ante o cosmopolitismo do talento, do estudo e da intelligencia.

O trabalho intellectual tem direito de cidade em todos os paizes: para elle não ha barreiras, não ha fronteiras, não ha leis convencionaes internacionaes: o homem de lettras tem direito á propriedade do seu labor em todo o mundo; d'aqui a universalidade da propriedade litteraria, o grande alvo a que mira a *Associação internacional de litteratura*.

Em theoria o principio é grande e indiscutivel; na pratica esbarra a cada momento em tropeços serios, sendo um dos principaes a ideia d'essa associação partir de Paris, e ter á sua frente alguns dos mais afamados editores francezes, cuja presença póde fazer e tem feito, sejamos francos, amesquinhar essa cruzada santa em nome do trabalho de todos, em cruzada commercial em proveito dos interesses pecuniarios de alguns.

Em Lisboa mesmo, no congresso que se realisou aqui em 1880, se bem nos lembra, um dos congressistas, um escriptor allemão chamado Conrad, disse em pleno congresso algumas verdades que andam no espirito de todos que se interessam por estas questões de propriedade litteraria, desde o momento em que ellas são levantadas pelas França.

O sr. Conrad disse que estava prompto a adherir de coração á cruzada para o reconhecimento universal da propriedade litteraria, desde o momento em que a França fosse a primeira a dar o exemplo de reciprocidade, e que sem essa reciprocidade, o reconhecimento universal da propriedade litteraria seria unicamente metter rios de dinheiro nas algibeiras dos editores francezes, em detrimento dos interesses materiaes e moraes dos outros povos. Disse e provou com dados como é que a França levantando essa questão de propriedade em nome dos interesses de todos os homens de lettras do mundo trata simplesmente dos interesses dos homens de lettras do seu paiz, fechando completamente as portas do seu vasto mercado a todas as obras estrangeiras, mesmo a muitas obras primas, que ainda actualmente não conseguiram vencer o persistente egoismo da França em só se occupar de si.

Notou, e notou muito bem, que annualmente a Allemanha, a Italia, a Hespanha, a Russia, a Inglaterra, a Suecia, a Hollanda produzem, quer no livro quer no theatro, senão obras primas, obras notaveis dignas de sahirem as fronteiras do seu paiz e de entrarem no mundo pela grande porta da França, e entretanto a França fecha-lhes obstinadamente essa porta, editando e representando ao mesmo tempo milhares de obras insignificantes que se lhes não podem comparar em valor.

Ora esta obstinação invencivel da França em se negar a fazer lugar nas estantes dos seus livreiros e nos palcos dos seus theatros a tudo quanto é estrangeiro, fornece effectivamente um argumento triumphante contra a universalidade da propriedade litteraria que a França prega mas de que se afasta persistentemente de dar exemplo.

E essa persistencia em recusar o seu amplo mercado litterario ás producções estrangeiras fere não só os productores nos seus interesses materiaes como tambem nos seus interesses moraes.

Se o cosmopolitismo litterario que a França apregoa passasse d'uma brilhante theoria attrahente a uma pratica regular e constante, se não havendo barreiras nem fronteiras para os mundos do pensamento a França fizesse lugar no seu mercado para todas as obras salientes das litteraturas estrangeiras, o direito de propriedade seria de bom grado reconhecido por todos os povos, nenhum governo hesitaria em firmar convenções litterarias, porque essas convenções dariam egual interesse a ambas as partes contractantes, porque trariam a ambas vantagens eguaes.

Assim, como as coisas, como os factos se dão, comprehendemos que os governos hesitem e se recusem a firmar convenções de que resultam unicamente todas as vantagens para uma das partes contractantes e todos os prejuizos para a outra.

Ha perto de vinte annos que nós temos uma convenção litteraria com a França, e ainda assim com certas restricções que lhe não agradam, e que conciliam até certo ponto os interesses litterarios do nosso paiz com o respeito pelo principio do direito de propriedade. Pois durante este longo prazo nem um escriptor nem um editor portuguez fruiu a mais pequena vantagem pratica d'essa convenção, ao passo que a França tem tirado d'ella largos proventos, dadas as condições restrictas do nosso mercado.

E o que nos acontece a nós acontece á Hespanha, acontece a todas as nações que teem tratados litterarios com a França, e pela razão fortissima, que o escriptor allemão apresentou desassombradamente no congresso litterario de Lisboa.

Mas voltemos ao nosso assumpto, á *Revista universal* do sr. Jules Lermina.

Essa revista tem por fim, e já não é pouco, se não abrir o mercado francez ás obras estrangeiras, pelo menos tor-

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES (Segundo uma photographia de Insley Pacheco)

nal-as conhecidas do mundo, divulgal-as, traduzindo-as em francez.

Os interesses materiaes dos escriptores estrangeiros nada ganham com isso — porque apezar da propaganda do direito de propriedade que a Associação faz, não nos consta que a *Revista universal* pague a pezo de ouro os romances, os contos e as peças que traduz — mas em summa ganham os seus interesses litterarios, pois que as suas obras saem dos limites marcados pela zona onde o seu idioma é fallado e comprehendido, e entram no dominio universal a que só as póde levar a lingua franceza.

A Revista do sr. Lermina presta portanto um bello serviço aos povos pequenos e ás litteraturas pouco conhecidas, e presta ao mesmo tempo um bello serviço tambem a todos que estudam, visto que informa ácerca do movimento intellectual d'esses pequenos povos, fornecendo-lhes dados que até hoje não encontraram condensados em nenhuma revista especial.

Nos doze numeros publicados a *Revue universelle* tem publicado traducções de contos suissos, polacos, russos, roumaicos, hespanhoes, portuguezes — o *Mandarim* de Eça de Queiroz — e ao mesmo tempo noticias curiosas sobre a litteratura, a politica, a arte, d'esses povos quasi totalmente desconhecidos do resto da Europa.

É exactamente porém uma d'essas noticias que chamou a nossa attenção e que nos pareceu merecer uma pequena annotação na nossa chronica.

No seu n.º 10, a *Revista universal* publica, sob o pseudonymo de Viriato, umas cartas portuguezas muito bem escriptas, com algum espirito, que feitas em portuguez e n'um jornal de Portugal teriam graça e não provocariam, nem de nós, nem de pessoa alguma, o mais ligeiro protesto, como o não provocam os artigos que a parcialidade politica, o facciosismo partidario, ou o humorismo caustico, para ahi produzem quotidianamente.

Mas as cartas portuguezas de Viriato tem uma outra indole e um outro publico. Não são artigos de combate politico, ou de facecia paradoxal para serem lidos por portuguezes, que conhecem o nosso paiz, a nossa vida, os nossos costumes, e os nossos homens publicos, são por assim dizer paginas de historia para serem lidas pelo mundo inteiro, que vae n'ellas procurar a nossa vida contemporanea.

E é sob este ponto de vista que nós não as podemos deixar sem reparo.

A carta que temos á vista é a segunda de uma série de cartas ácerca de Portugal contemporaneo. A primeira não a vimos, esta trata da politica portugueza, e propõe-se a fazer em tres paginas a historia da politica, dos estadistas e dos oradores parlamentares do nosso paiz. E sabem quem são os oradores parlamentares, que n'essa pagina d'historia, feita para estrangeiros, o correspondente da *Revue universelle* cita? São, na primeira plana os srs. Casal Ribeiro e visconde de Chancelleiros, depois o sr. Antonio Candido, o sr. Manuel d'Assumpção, o sr. Fontes, a quem chama o typo *du bavard parlamentaire, d'une ignorance réconnue par ses meilleurs amis*, do sr. Hintze Ribeiro, que diz discipulo do sr. Fontes, do sr. Vilhena e Lopo Vaz, Carlos Bento, Serpa e Corvo — e conclue o quadro da politica portugueza.

Não tratamos de discutir opiniões, apesar de nos parecer mais conveniente, dada a indole do jornal e das cartas, um estylo menos estylo de jornal humoristico, menos parcialidade na critica e mais justificação nas apreciações, visto que se fala a leitores d'homens que elle não conhece, e que portanto temos a obrigação de fazer conhecidos para justificar a nossa critica; mas contra que não podemos deixar de protestar é que nas raras vezes em que ha occasião de mostrar ao estrangeiro o que somos, se vá fazer um quadro da politica portugueza actual e que n'esse quadro nem sequer se citem os nomes de Barjona de Freitas, de Pinheiro Chagas, de Antonio Augusto de Aguiar, de José Luciano de Castro, de Emygdio Navarro, de Thomaz Ribeiro, e d'esses que morreram ainda hontem e que tiveram logar tão saliente na politica contemporanea, Saraiva de Carvalho, de Antonio Rodrigues Sampaio e Pires de Lima. Essas *cartas portuguezas* feitas com essa parcialidade e essa deficiencia transformam em desserviço o serviço que a *Revue universelle* devia prestar-nos: porque é muito melhor ser desconhecido do que conhecido falsamente: e porque nos põe em guarda contra as informações que a mesma *Revista* publica ácerca das outras nações deixando-nos receiar que ellas sejam tao exactas como são as de Portugal.

A vida theatral de Lisboa começa a animar-se. Todos os theatros funccionam já excepto o de S. Carlos. D. Maria abriu as suas portas com a *Fedora* e com a novidade da ausencia da orchestra.

Dissemos já sobre este assumpto o nosso modo de vêr Os musicos protestaram n'um requerimento ao rei, porque essa renovação os fere nos seus interesses. Nós não tratámos aqui senão dos interesses do publico: desde o momento porém em que o publico não protestou contra a falta da orchestra, nós nada temos com isso, e não mais viremos chorar saudades sobre as valsas desafinadas que demoravam o levantar do panno.

No theatro do Gymnasio debutou o distincto actor Mello, que já alli teve noites de gloria e que volta depois de dois annos passados no theatro de D. Maria. Brevemente se estreiará no Gymnasio tambem o actor Silveira, de quem já aqui falámos, e que veio ainda achar lembrado de todos, no fim de 12 annos de ausencia, o nome festejado que deixou no Gymnasio e em D. Maria ao partir para o Brazil.

E juntamente com todas estas novidades, d'aqui a dias a novidade grande da epocha theatral, a *Judic* no theatro da Trindade, umas noites de canceira nos lisboetas como as noites de Sarah Bernhardt.

Gervasio Lobato.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Quem lêr este nome, e não conhecer senão as alegres poesias que elle firma, julgará de certo que as linhas que se vão seguir serão uma verdadeira fabrica de gargalhadas. A vida de Faustino Xavier de Novaes! póde lá haver coisa mais risonha, mais semeada de anedoctas! Pois aquelle é que era um ratão de bom gosto! Vamos apostar em como nunca esteve triste em toda a sua vida! O que elle nos fez rir com os seus versos! Maganão! Estava sempre com o lapis de caricaturista prompto a apanhar todos ridiculos d'este mundo! Pois os banhos da Foz! Lembram-se como elle cassoava com toda aquella funçanata?

Em soberbos cavallos bem montados
Vi correrem esbeltos cavalleiros,
Como, depois dos banhos acabados,
Seus donos correrão dias inteiros
Atraz dos alugueis tão bem ganhados
Por casa dos tafues aventureiros,
De alegria devendo ficar cheios,
Recebendo os cavallos e os arreios.

E imaginam lá que elle, quando começava a scismar, a scismar, se punha a suspirar para a lua ou embasbacado para as estrellas? Era sempre risota. Pois não se recordam quando elle no *Tudo assim vae*, exprimia, com uns ares de grande pensador que era de uma pessoa arrebentar pelas ilhargas, a idéa de que n'este mundo anda tudo ás vessas:

O sol, pelas terras andando,
Vae roncando e vae fossando,
Com seu rabinho altaneiro,
E o porco, lá no horizonte,
Levantando altiva a fronte,
Illumina o mundo inteiro.

Aquelle homem nunca esteve triste em toda a sua vida! Que idéas! que chalaças! que vardascadas para a direita e para a esquerda! Abençoada vida a de um poeta assim!

E que diriam se eu lhes affirmasse que a vida de Faustino Xavier de Novaes é um poema de lagrimas?

Não sei o que diriam; o que affianço é que é isto a pura verdade.

Nada ha mais doloroso do que este contraste, que tantas vezes se repete, de um espirito que ri e de um coração que chora! de um poeta cujos versos teem pilhas de graça, de um actor que faz rir a bandeiras despregadas, e que, ao depôrem a penna risonha ou a mascara jovial, sentem as lagrimas a inundar-lhes o rosto? a historia de Debureau, lembram-se? Triste, pungido por vasta melancholia, devorado por um *spleen* que parecia incuravel, um doente foi consultar um medico. Receitou-lhe este as distracções mais capazes de lhe desenrugarem a fronte, mas a tudo resistia a sua melancholia invencivel. Emfim o medico, fatigado, diz-lhe:

— Meu amigo: supponho ter encontrado um remedio infallivel. Vá vêr Debureau n'esta pantomima que elle representa agora.

— Ai! doutor! Debureau sou eu.

Mas Faustino Xavier de Novaes não tinha a melancholia romanesca, ou o *spleen* do celebre palhaço. Era naturalmente alegre, supponho, mas as desgraças da sua vida cobriram-lhe para sempre o coração da uma nuvem de tristeza. Não faço agora a sua biographia. D'esse encargo me desempenhei, com bastante minuciosidade, no 8.º volume do *Diccionario Popular*. Tambem a sua biographia resume-se n'isto: falta de meios. Nascera no Porto em 1820, e era ourives. Chamado pelos sorrisos da musa comica, passou a poetar, e a folhetinisar. Começou por desfastio, continuou por necessidade. Precisou tirar da sua penna os recursos necessarios para a existencia. E, correspondente com mil pseudonymos de dezenas de jornaes, escrevendo aqui um folhetim, além uns versos, trocava os chistes e os donaires da sua penna pela manteiga e o assucar do seu alimento domestico. Vendo que não conseguia *joindre les deux bouts,* como os francezes dizem, foi para o Brazil. Acolheram-no com enthusiasmo. Ahi, como em Portugal, porém, não era muito ampla a remuneração do lavor litterario. Faustino Xavier de Novaes tinha de se sustentar a si, e de enviar para Portugal uma pensão a seu pae valetudinario e empobrecido. Como operario não tinha lucros sufficientes, quiz tel-os como emprezario. Era um calculo excellente, mas arriscado para quem não dispunha de capitaes. O *Futuro,* jornal que fundou, durou nove ou dez mezes, e morreu porque os assignantec não pagavam. Perante essa catastrophe, que era a ruina de todas as suas esperanças, Faustino não desalentou, pegou na penna humoristica, e escreveu a Camillo Castello Branco uma deliciosa carta em verso, que só se lê sem gargalhadas quando se pensa que a cada uma d'essas quintilhas sarcasticas desenfastiadas corresponde uma amargura pungentissima.

Veio o *Futuro* a terreiro,
E aos assignantes foi dado;
Mas depois fui tolo inteiro,
E, confesso-o envergonhado,
Mandei-lhes pedir dinheiro.

Que parvo fui! que pedante
Pude julgar, indiscreto,
N'estas coisas ignorante
Que era uma *letra* o prospecto,
E o que assignou o *acceitante!*

Seguiu-se o castigo ao crime.
Bradaram muitos: «Não pago.»
E o que de pagar se exime
Nem se abranda pelo affago,
Nem esta queixa o deprime.

E a casa tem senhoria!
Querem paga os gravadores,
Quer paga a typographia,
Querem-na alguns escriptores,
E eu... tambem a acceitaria.

E quem pagou por inteiro
O preço da assignatura.
Se eu fôr vender o tinteiro,
Ou goste ou não da leitura,
Dirá que sou caloteiro.

Hei de ir pela rua adiante,
Bolsa leve e roupa gasta,
E ouvirei de voz possante:
«Que firma! E poeta, e basta!
Comeu-nos! oh! que tratante!»

A consciencia, inda sem chaga,
Ha de incomodal-a a fama!
E a nossa lingua é tão vaga!
Camillo, como se chama
O que assignou e não paga?

Eu tenho um mau diccionario
Que apenas acção indica
No *R*, no mais é vario,
E na letra *L* só fica
Se designa o refractario.

D'este diccionario ingrato
Não gosto, que ali se ferem
Reputações que eu acato;
Dêem-me dinheiro, se querem
Que eu compre outro mais exacto.

«Tristezas não pagam dividas», diz o proverbio. Sempre honrado, Faustino Xavier de Novaes esforçou-se por pagar as suas com alegrias. Os credores não acceitaram. Amarrado á banca do trabalho, Faustino Xavier de Novaes esforçava-se por bater moeda com o seu riso forçado e triste para quem bem sabia as lagrimas que ressumava. Não o conseguia. Valeu-lhe um logar que lhe arranjaram, e os officios com a bella prosa burocratica renderam-lhe o que nunca lhe tinham rendido os seus versos mais originaes. Entrava emfim n'um periodo de repouso, mas entrava com o cerebro fatigado de longa e penosissima lucta. O genero em que de preferencia trabalhava, tornava-lhe essa lucta mais dolorosa e mais fatigavel ainda. Que immenso esforço não precisava de empregar Xavier de Novaes para ser alegre!

Tambem, apenas parou por um instante a febre que o animava, veio a prostração e a agonia. Antes de se apagar a luz da vida, apagou-se-lhe a luz do engenho e a propria luz da razão. Caiu n'um quasi idiotismo, sereno, manso, sem agitações. Foi perfeitamente o somno profundissimo e cançado d'aquelle cerebro que galopava nos ultimos annos á força de excitações e de esporadas. Depois naturalmente passou d'esse estado lasti-

moso de intelligencia para o eterno somno da morte. Falleceu em 1869, tendo apenas 49 annos, pranteado pelos seus compatriotas, que o teriam salvo se lhe tivessem dado, como a rainha Santa Isabel, por cada rosa que lhe desfolharam sobre o tumulo, uns pesos de oiro que lhe caissem a miudo sobre a meza, bem pobre de iguarias.

Emfim, isto é e ha de ser sempre do mesmo modo! *Tudo assim vae*, como o poeta dizia.

O peior ainda é que essa constante falta de meios impediu-o de dar tudo quanto podia dar. Forçado a remar constantemente na galé, sem que nunca uma aragem propicia lhe enchesse as velas e lhe desse um momento de descanço, nunca poude tambem limar esses versos chistosissimos, que lhe brotavam esponteamente do fino e luminoso espirito.

Tambem, se o podesse ter feito, Portugal teria tido dois Tolentinos; mas o que deixou ainda assim é bastante para lhe assegurar um logar eminente e um logar á parte na lista dos poetos portuguezes do nosso tempo.

Pinheiro Chagas.

NO JARDIM ZOOLOGICO

Os leitores sabem o que é *mayonnaise?*

Sabem decerto.

É uma mistura de alhos com bogalhos, cujo indispensavel excipiente está no molho constituido pela emulsão de azeite finissimo em gemma d'ovo. Com esta emulsão regam-se depois filetes de lagosta e polpas de linguado ou de pregado, ostras, camarões, etc., etc. — tudo infeitado e condimentado com azeitonas sem caroço, com rodinhas de betarraba artisticamente recortadas, fragmentos de *mixed-pickles*, por vezes mesmo um poucochito de mortarda ingleza!... Uma delicia, em summa! — uma delicia para toda a gente... menos para o meu amigo dr. Carlos Tavares, cujo elevadissimo talento e provadissimo bom-gosto alguma vez haviam de falhar!

Falharam n'isto: o dr. Carlos Tavares não pode admittir a *mayonnaise!* Um escandalo!!! Aqui o denuncio para sua eterna vergonha.

— Mas vamos ao caso (perguntarão os leitores): a que proposito vem isso do *Jardim Zoologico?*

Vem que temos hoje, sob essa epigraphe, nem mais nem menos do que uma verdadeira *mayonnaise*.

Se os leitores não gostarem... dêem parabens á sua fortuna, porque teem como companheiro o dr. Carlos Tavares, uma das mais brilhantes illustrações da medicina portugueza contemporanea.

A estampa que hoje no Occidente occupa uma das paginas, representa um *pot-pourri* de varios *motivos*, em que o lapis phantasioso de Manuel de Macedo e João Christino andou caprichosamente borboleteando por entre os picturescos accidentes do *Jardim Zoologico* de Lisboa.

Acham-se alli agrupados com a galanteria habitual d'aquelles dois artistas, e harmonizados como se verdadeiramente constituissem uma paizagem pegada, varios topicos dos mais interessantes que no Parque excitam a attenção do curioso.

Fragmentos disseminados de um mirifico jardim, soube o lapis dos desenhistas associál-os e serzil-os, traduzindo acertadamente na chapa uma serie de quadros dissolventes, intimamente entrelaçados, — taes quaes se nos repetem ás vezes os episodios da nossa vida, quando adormecendo os vemos resurgir e repullular na mysteriosa atmosphera de um sonho.

Olhando para a gravura, dir-se-hia que effectivamente nos achamos adormecidos, e que em sonhos nos desabrocham phantasticamente entremeados os diversos incidentes da nossa digressão pelo Jardim.

Lá está suavemente umbrifera a alameda das *trepadoras. Araras, papagaios, kakatuas*, espenejam alegremente a variegada opulencia das suas caudas multi-colores, e respondem com o seu estridulo palrar aos festivos comprimentos d'aquelle moleque e d'aquella brazileira gôrda, que sentem reviver-lhes hilariante n'alma a recordação da patria ante as aves suas compatricias, quasi tão satisfeitos ambos como se extasiados parassem ante o kiosque dos macacos.

Segue-se na estampa uma rendilhada gaiola em fórma de pavilhão chinez, dividida em cinco repartimentos, e povoada por *codornizes, rolas apunhaladas, cardeaes, viuvas, pombos Nicobar* (da chamada «variedade metallica»), e *pardaes de Java*.

Depois... circumdado pelas redes de arame o recincto dos *pavões* com a elegancia aristrocratica dos seus pennachos e a majestosa airosidade das suas caudas, airosidade que chega a tornar-se realenga quando se intufam e se desdobram em leque de côres deslumbrantissimas.

Logo apar dos pavões... os *grous coroados*,— menos vistosos sem duvida que os seus companheiros, menos opulentos no matiz da plumagem, mas não menos formosos em relação á crista que em fórma de corôa lhes adorna a cabeça.

Em frente dos grous, e com a esquerda apoiada ao parapeito da sébe, — um dos guardas do Jardim, trajando vestes campestres perfeitamente adequadas á profissão que exerce, contribue para accrescentar uma nota picturesca ao gracioso conjuncto da paizagem.

Passando á zona central da gravura, deparam-se-nos dois accidentes interessantissimos: — a torre conica das cabras, e o pavilhão dos kangurús.

De um lado, a torre conica das cabras, formada por tres andares sobrepostos, a que dá ingenhosamente serventia uma rampa em helice, constitue a mais elegante talvez das elegantissimas construcções a que o talento phantasioso do Barão de Kessler deu origem no Parque de S. Sebastião da Pedreira. *Cabras* do Thibet, do Egypto, de Angola e de Dahomey, alli se albergam trepando pela rampa em caracol, como verdadeiros caprideos que se prezam de ser.

Do outro lado, a choupana dos *kangurus*—quatro marsupiaes que excitam justificadamente o pasmo dos visitantes do Parque.

Marsupiaes! Acode-me de repente ao espirito a possibilidade eventual de algum leitor meu, para quem desconhecidos sejam na sua extraordinaria organização similhantes animaes.

É aqui tenho eu agora sobre a minha mesa de trabalho um livrinho, onde esse leitor, se quizer, pode sem custo colhêr as noções que deseja.

Mammiferos se intitula o opusculo; constitue elle o vol. xv da *Bibliotheca do Povo e das Escolas* (publicação quinzenal, dada a lume pelo meu intelligente amigo David Corazzi, e que tantas e tantas vezes ha sido elogiado aqui nas paginas do Occidente). Adornado com 26 estampas, e escripto por fórma que torna comprehensiveis, mesmo a profanos, a organização e os costumes dos animaes a que se refere, de modo que constitue deveras um auxiliar utilissimo para os visitantes do *Jardim Zoologico*,—o supra-mencionado livrinho diz-nos a pag. 62 o seguinte:

«Os mammiferos didelphos ou *marsupiaes* são caracterizados pela existencia de uma bolsa externa (chamada *bolsa marsupial*), formada por duas pregas lateraes da pelle do ventre, e sustentada por dois ossos especiaes da bacia (chamados *ossos marsupiaes*); esta bolsa contém as glandulas mammarias, e serve para alojar os filhos durante os primeiros tempos que se seguem ao nascimento. Estes animaes nascem n'um estado de imperfeição e debilidade extrema, de modo que, introduzidos na bolsa da mãe, é ahi que, fixando-se ás glandulas mammarias, completam o seu desinvolvimento.»

Mais adeante, passando a enunciar os principaes generos do grupo, cita os *kangurús*, dos quaes apresenta uma gravura em toda a extensão da pagina, e ácerca d'elles faz estas considerações:

«Os *kangurús* são notaveis pela desproporção que se nota entre os seus membros anteriores e posteriores, sendo estes muito mais compridos do que aquelles, o que os torna mais proprios para saltar do que para andar; teem uma cauda muito desinvolvida (como que um quinto membro, em que se apoiam no estado de repouso). São muito mansos e timidos; a carne é excellente, — e a pelle, de boa qualidade. É para desejar a acclimação d'este animal utilissimo»

Acclimar os kangurús!

A Direcção do *Jardim Zoologico e de acclimação em Portugal* está proveitosamente convertendo em realidade o *desideratum* enunciado pela *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

Quatro são os exemplares que o Jardim possue no respectivo recincto: — duas femeas, cada uma com seu filhito. O presumptivo pae dos kangurús pequeninos (*presumptivo* é um discreto epitheto que o dr. José Eduardo d'Oliveira me aconselhou accrescentar aqui como prudente salvaguarda de responsabilidades), o presumptivo pae (acceitêmos portanto o conselho do illustre accionista) falleceu de repente ao imbarcar com a familia em Autuerpia; e, quando as mães cá chegaram, os pequenitos vinham ainda carinhosamente arrecadados na *bolsa marsupial*. Ellas, as femeas, mostravam-se inconsolaveis pela irreparavel perda que tinham acabado de soffrer; não consta, porém, que os periodicos belgas publicassem o necrologio do defuncto nem fizessem alarde do *estado de consternação* em que se achavam as duas viuvas, hoje dedicadamente intregues á tarefa de crear a prole, e ámanhan (quem sabe?) talvez promptas, promptissimas (como tanta gentil viuvinha, que por ahi vemos, de dois pés), a intabolarem negociações de um segundo consorcio!

D'onde se conclue que mulheres e kangurús..

Na zona inferior da estampa, figura de um lado uma extensa galeria em que se acham repartidos por diversos cubiculos alguns exemplares de animaes nocturnos (aves, e mammiferos), taes como *corujas* e *mochos*, um *bufo-real*, dois *galagos* (a que em Loanda se dá o nome de *bobos*) e varios *furões*. No lado opposto acha-se figurada em passeio atravez do pinheiral a *femea* do *camêllo*, guiada pelo preto da Australia e montada por um campino do Ribatejo que uma vez (uma unica!) se atreveu a tentar aquella difficil empresa, — difficil pela negação que o animal oppõe a similhantes exercicios, mordendo, escoicinhando, espojando-se, fazendo emfim mil diabruras, e sobretudo atroando os ouvidos dos circumstantes com uma berraria infernal!

Uma pergunta por ultimo:

— Gostaram da *mayonnaise?*

Xavier da Cunha.

AS NOSSAS GRAVURAS

CEZIMBRA

É uma villa do Alemtejo, mas a que officialmente se chama Extremadura, está situada na costa do Atlantico, 35 kilometros ao SO. de Lisboa. Tem 1:270 fogos com uma população de 5:000 almas.

A sua principal industria é a pesca, em que se emprega a maior parte do povo, e que constitue tambem o seu grande commercio, tanto para o reino como para Hespanha para onde exporta grande quantidade de peixe.

Esta povoação, que é anterior á era de Christo, foi feita villa por el-rei D. Diniz em 1323.

Cezimbra é das terras mais importantes de pescadores da provincia da Extremadura; tem dois templos antiquissimos que servem de freguezias, S. Thiago e Nossa Senhora da Consolação que se levanta d'entro das muralhas do seu antigo castello dos mouros, hoje em ruinas. Junto da villa ha um aqueducto que abstece d'agua a população.

Era cabeça da commenda, do mestrado da ordem de S. Thiago, sendo seus commendadores até 1759, os duques de Aveiro.

No arredores da villa ha bellas quintas de recreio, entre ellas as dos srs. Duque de Palmella e Conde de Sampaio.

Ha no termo de Cezimbra minas de ferro e de trachites assim como na serra proxima se encontra excellente pedra de amolar.

Quem visitar Setubal e quizer alongar o seu passeio até Cezimbra a gozar os seus bellos campos verdejantes e abundantes de caça, apenas tem a percorrer 18 kilometros para O.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

IX

Offerecemos aos leitores os merecimentos dos autos. Julguem.

«A essencia da religião phenicia *é o polytheismo dos egypcios* com uma forte tendencia para o monotheismo hebreu. Este duplo caracter explica-se naturalmente pela posição geographica da Phenicia, visinha do Egypto e da Palestina.» Lê-se isto a pag. 64 da *Historia da Chaldea, Assyria, Media*, etc., por mr. Frederico Hœffer.

«O culto do sol constituia a base da religião egypcia; no cyclo divino do Alto-Egypto, como no de Memphis, o principal grupo compunha-se de deuses solares. Nos chamitas do vale do Nilo, *o creador unico, deus da mais antiga tradicção, soffrera a transformação mythologica pagã*, primeiro pela attribuição de um sexo e pela distincção de um lado macho e outro lado femea; depois porque se materialisou e identificou com o sol, a mais poderosa força da natureza, que domina todas as forças terrestes.» Lê-se isto a pag. 255-256 (trad. franc.) 2.º vol. do *Paganismo e Judaismo* de Dœlinger.

No Jardim Zoologico (Desenho do natural por Macedo e Christino)

«Apesar das descobertas admiraveis que se tem succedido, e que ainda hoje nos espantam, depois que o genio de Champollion nos revelou os segredos dos hieroglyphos, seria temeridade decidir sobre a religião do antigo Egypto, envolta ainda em profundas sombras; supposto se haja feito luz sobre muitos pormenores, não se vê, comtudo, claramente sobre o conjuncto que elles formam, ou que d'elles se podem tirar. O que ha de mais evidente *é o caracter de polytheismo que ella apresenta.* Embora alguns lampejos primitivos pareçam ás vezes annunciar a unidade divina, é a multiplicidade dos deuses a feição proeminente; e, tanto quanto póde julgar-se, não ha na historia dos povos superstição mais decidida nem mais diversa.» Traduzimos estas linhas de um artigo de mr. Barthélemy Saint-Hilaire, inserto no *Journal des Sevants*, 1878, pag. 410.

«O deus dos egypcios era um ser unico, perfeito, dotado de sciencia e intelligencia, e a tal ponto e de tal modo incomprehensivel, que até nem póde bem dizer-se em que é incomprehensivel. Elle é «o unico, o que existe por essencia, o unico que vive em substancia, o unico gerador do ceu e da terra, que não foi engendrado; o pae dos paes, a mãe das mães.» Sempre egual, sempre immutavel na sua eterna perfeição, sempre presente ao passado, como ao futuro, enche o universo, sem que nenhuma imagem do mundo possa dar a mais leve idéa da sua immensidade: sente-se em toda a parte, mas não se póde fixar em parte alguma.» Eis a opinião de mr. Maspero, e que se lê a pag. 27 da sua *Historia antiga dos povos do Oriente.* O mesmo auctor accrescenta ainda em nota «que a religião egypcia se *deriva de um paganismo anterior*, mas que desde a epocha das pyramides os principios parece serem os que ficam expostos

Nunca se viu uma embrulhada assim! Para uns a religião egypcia é francamente monotheista; para outros é decididamente polytheista, e para outros, em fim, nem cá, nem lá, — ecclética, de furta-cores, com reflexos monotheistas e polytheistas ao mesmo tempo. Para Dœlinger, o polytheismo egypcio é uma degeneração do monotheismo, e para Maspero a existencia d'este systema religioso é posterior á d'aquelle! Como sahirmos d'este enredado labyrintho, quando de mais a mais todos os escriptores citados são auctoridades de grande peso, uns como orientalistas notaveis, outros pelos seus estudos especiaes sobre philosophia religiosa? Se admittirmos a significação usual e natural da palavra polytheismo — *muitos deuses*, não póde restar a menor duvida de que effectivamente a religião egypcia era polytheista, embora tivesse uma divindade superior; exactamente como a religião grega e a romana, em cada uma das quaes tambem se encontra um deus supremo. Poderemos inferir d'este facto, que houve uma epocha em que essas religiões foram monotheistas?

CEZIMBRA (Desenho do natural por Cazellas)

Achamos a conclusão precipitada, mas não podemos occultar, que a persistencia d'este phenomeno em todas as religiões nos faz persuadir, que todas ellas foram primitivamente monotheistas e as differenças, ás vezes profundas, que as distinguem umas das outras, provem do desenvolvimento posterior que teve a concepção primeira da divindade; desenvolvimento muito diverso, segundo as circumstancias tambem muito varias em que elle se produziu nos differentes povos: a natural aptidão da raça; a mistura de uma tribu ou de um povo com outro de civilisação superior ou inferior; a forma que tomaram as instituições religiosas, muito especialmente a organisação sacerdotal, etc., etc.

Parece destruir esta supposição um facto já hoje bastante averiguado, qual é ter sido o monotheismo hebraico precedido de um polytheismo, mais ou menos desenvolvido. Convem, todavia, notar, que a religião dos israelitas assumiu um desenvolvimento consideravel, e embora pareça contradictorio é perfeitamente explicavel como o monotheismo, sendo o principio das religiões, seja ao mesmo tempo o caracteristico do seu mais elevado grau de desenvolvimento; a differença, e essa enorme, está na concepção da divindade. No monotheismo primitivo essa concepção é indefinida, confusa, indecisa como os primeiros albores do dia n'um ceu ainda todo coberto com as sombras da noite; mas, á proporção que os progressos do espirito humano descobrem as relações dos differentes phenomenos, chegando ao convencimento de que a variedade d'elles está subordinada á unidade da causa, aquella vaga idéa transforma-se pouco a pouco n'uma percepção clara.

Parece-nos que nenhum dos factos conhecidos está em opposição com esta theoria, mas lisamente confessamos, que sendo ella formada *à priori*, não póde aceitar-se incondicionalmente e sem confirmação de mais largas observações. Cremos que é cedo ainda para assentar uma opinião em solidos alicerces. A sciencia que hade resolver a questão, e que se chama «das religiões comparadas», ou talvez melhor: «philosophia religiosa», está ainda envolta nas faxas infantis; não se explica bem; taramella muito, mas custa ainda a entender... Quem nos diz a nós, que chegada ella ao uso da razão, não atirará por terra com todas as theorias que se tem forjado e que tanto se discutem? A humanidade, diz um philosopho naturalista, começou por divinisar as forças da natureza: o *henotheismo* foi a origem de todas as religiões; não ha tal, brada um philosopho espiritualista, todas as religiões procedem de uma inspiração espontanea dos povos; fóra marotos, grita com toda a energia da convicção um theologo, a origem das religiões foi uma revelação divina, uma manifestação directa do creador á creatura.

Com o devido respeito dos senhores philosophos e theologos, nenhuma d'estas opiniões nos agrada, porque nenhum dos argumentos em que ellas se fundam nos convence. Esboçaremos muito á pressa a que nos parece mais plausivel.

No principio, quando o homem ainda não tem consciencia das suas faculdades, nem conhecimento do mundo externo, confunda com a d'este a sua existencia, mesmo a sua personalidade, e attribue todos os phenomenos que se lhe deparam, interior e exteriormente, á acção de uma entidade vagamante concebida, e a cujo dominio nada ha que possa subtrair-se. É esse o deus primitivo, a origem religiosa. A divinisação das for-

ças da natureza, e bem assim a das causas do bem e do mal; a deificação das idéas moraes e o reconhecimento d'uma causa unica, da qual procede a multiplice variedade dos phenomenos, tudo isso suppõe um grau de desenvolvimento, mais ou menos adeantado, e o qual, por milhares de circumstancias não póde ser o mesmo em todos os povos, succedendo até, não raras vezes, pela juncção de novos elementos, parar, retroceder, tomar uma uma direcção differente á que levava. D'ahi provem a variedade das religiões.

Delphim d'Almeida.

RESENHA NOTICIOSA

Direcção dos aerostatos. Segundo as noticias que tem vindo de França, parece haver-se chegado finalmente á resolução d'este importante problema, previsto e intentado no principio do seculo passado pelo nosso compatriota, padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que chegou a tirar privilegio da sua exploração, proseguido ha um seculo com certa tenacidade nomeadamente pela Inglaterra, França, Allemanha e até pela Hespanha e Italia, que recebeu um impulso importante com os trabalhos de Dupuy de Lôme, e de G. Tissandier, e que se affirma haver tido a sua final e definitiva resolução pelos officiaes francezes mrs. Renards e Krebs. Não são ainda conhecidos os aparelhos e systema empregados, mas sabe-se que se fundam, na electricidade.—Em vista d'isto já um periodico francez apresenta o plano para a organisação de uma companhia *Trans-atmospherica*, para exploração do invento dos referidos officiaes, affirmando que se póde navegar com uma velocidade minima de 250 kilometros ou 50 leguas por hora, ou 1200 leguas por dia, o que excede muito o que parecia exagerado na affirmativa do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que apenas promettia andar por dia 200 leguas e mais. Aguardamos com o mais vivo empenho o completo conhecimento de tão importante assumpto.

Abadie. Faleceu em França o architecto d'este nome, auctor do projecto da egreja magestosa do Sacré-Cœur. Comtudo, ha quem pergunte pela egreja, que apenas se ergueu dos alicerces, não obstante estarem já dispendidos, segundo se affirma, quatorze milhões de francos.

Bombardeamento. Os francezes bombardearam Fu-Tcheu, porto e arsenal da China. Parece que nos actos que tem praticado, tem feito alguma cousa peor do que aquillo que acoimavam aos allemães quando lhe invadiram o territorio. Na outra invasão, quando entraram em Pekin, já se portaram, como os seus piratas do seulo XVI; mas agora deve-se esperar outra coisa de gente tao civilisada.

Entrevistas de soberanos. A 6 de agosto realisou-se a entrevista dos imperadores da Austria e Allemanha em Elbessee, no mesmo dia em que ardeu o palacio real de Athenas. A 15 do corrente reuniram-se os mesmos soberanos com o da Russia em Skierniwicz; a esta entrevista assistiram os tres ministros respectivos, conde de Kalnocki (Austria), Bismarck (Allemanha), de Giers (Russia). Dizem alguns que com estas vistas ficou assegurada a paz da Europa, mas o que parece se quiz fazer foi reconciliar a Austria com a Russia, que andavam um pouco desavindas. Não se trataria tambem da attitude da politica na Austria, onde o partido hungaro, tcheque e polaco tem levado de vencida o elemento allemão?

Despovoação da França. A academia de medicina de Paris occupa-se, presentemente, de um assumpto difficil e dos mais graves: a despovoação da França. Segundo as affirmações do sr. Rochard, na ultima sessão d'aquelle corpo scientifico, a população d'aquelle paiz augmenta apenas na proporção de 2,3 por cento, cada anno, em quanto a da Inglaterra augmenta na de 15 por cento e a da Allemanha na de 13 por cento. D'este modo a França que era o segundo povo da Europa, é hoje o quarto em numero. O sabio academico conclue por sustentar que só se poderá dar remedio a este grande mal, provocando um grande movimento expansivo para o exterior, encontrando a salvação do paiz nas colonias. Se este principio fosse verdadeiro, parece-nos que, relativamente, Portugal era o paiz mais favorecido; infelizmente a nossa emigração faz-se para paizes extrangeiros, e os nossos governos, não obstante, os muitos conselhos e pedidos, não sabem ou não procuram desviar a corrente da emigração para as nossas colonias.

Dissolução. Pela ordem do exercito publicada no dia 26 de setembro ultimo foi dissolvido o regimento de cavallaria n.º 2, lanceiros da rainha, em consequencia de uma insubordinação alli succedida dias antes Era o caso que muitos soldados depois do toque de silencio saltavam do quartel para fóra por meio de mantas, etc. No domingo 21 ao escalarem os muros rasgou-se uma manta e o quarteleiro, para salvar a sua responsabilidade, deu parte ao capitão de inspecção, este mandou formar as companhias, verificando faltarem mais de setenta praças, o que participou ao commandante. Não sabemos bem as medidas tomadas por este official, o facto é que tendo dado ordem para exercicio de lança na parada do quartel, no dia 22, quando elle alli appareceu os soldados soltaram apupos e chufas, facto que se repetiu quando se mandou destroçar. D'este facto deu-se conhecimento ao sr. general commandante da divisão que mandou levantar auto e sindicar d'esta occorrencia pelo sr. coronel Pacheco, commandante de artilheria. Este digno official inquirindo officiaes, sargentos, etc., apenas poude verificar o facto, mas nao quem fossem as cabeças do motim. É porém fóra de duvida, que estes se devem encontrar entre os setenta e tantos soldados que na noite de 21 se haviam ausentado do quartel, os quaes n'essa saída já praticaram um acto de insubordinação. No dia 27 do corrente, em virtude da ordem do exercito, publicada na vespora, á noite, foram os soldados embarcados para bordo, e os officiaes mandados apresentar no quartel general da divisão, afim de reunirem aos corpos, para onde foram transferidos. Ha culpa e grave nos soldados, mas é impossivel que ninguem mais os encontrasse por fóra do quartel a desoras. Tem havido não só alli, mas em muitos outros corpos grande abuso na concessão de licenças do recolher, que só devem ser concedidas para fins razoaveis e previamente determinados, e até, como em alguns corpos se faz, marcando-se as horas do regresso, quando, por exemplo, a licença é para ir ao theatro. É uma ordem antiga da divisão que as praças de pret que forem encontradas de noite, sem licença, sejam presas pelas patrulhas e rondas da guarda municipal e mandadas apresentar aos seus corpos. A tolerancia, que é muito boa na politica, tem sido prejudicial em outros casos. Que o exemplo aproveite, é o que desejamos, e levantemos as mãos aos céos, por elle não ter produzido mais graves consequencias.

Fallecimento. No dia 27 do mez findo falleceu na sua casa no Pau da Bandeira, o conselheiro Caetano Maria de Paiva Lopes da Gama ministro plenipotenciario do Brazil, em Lisboa, onde se achava d'esde 1883. O conselheiro Lopes Gama era um diplomata distincto, de uma grande illustração e de uma simplicidade de trato captivante. Em o n.º 150 do Occidente publicamos o seu retrato e notas biographicas, por occasião da sua chegada a Lisboa. Esta morte é muito sentida em Lisboa onde o illustre diplomata tinha muitas sympathias, e o Brazil perde um dos seus funccionarios mais dignos e esclarecidos.

Arlberg. No dia 20 de setembro verificou-se a inauguração do caminho de ferro do *Arlberg*, assim chamado, pelo famoso tunel que atravessa o grande massiço d'aquelle nome. A importancia d'esta obra para a Austria é incommensuravel. Este paiz para se communicar tinha que se aproveitar das linhas bavaras e suissas com trasbordo e dispendios extraordinarios. O tunnel de Arlberg mede dez mil metros, e a sua perfuração executou-se em tres annos e cinco mezes, ao passo que o do monte Cenis, que só tem mais dois mil e trezentos metros de extensão se fez em quatorze annos. Com este novo caminho encurtam as distancias entre o Havre e Galatz 123 kilometros; entre o Havre e Varna 129; entre o Havre e Constantinopla 167; entre o Havre e Bucharest 132; entre o Havre e Salonica 371; e entre Ca-

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 206)

VI

A questão magna

Tinham desapparecido de momento, n'um abrir e fechar de olhos, como nas transformações das magicas desapparecem de sobre as mezas as iguarias appetitosas, ou do tabolado os moveis de apparato.

Gilberto espantou muito os olhos e, de sobr'olho carregado, bradou colerico:

— Ah! elle é isso, elle é isso?

E, perdido de cabeça, fez tal cara que a familia tremeu de susto ao vel-a, e rodeando-o heroicamente bradou em coro unisono, em grande lamuria supplicante.:

— Ó senhor, ó senhor!

— Deixem-me, deixem-me.

E bracejava como um possesso.

D. Perpetua acudiu pressurosa:

— Socega, menino, socega que a palmatoria tenho-a eu.

— Tu? Aonde tens tu a palmatoria?

— Lá em baixo na dispensa para rolhar as garrafas.

— É do que se trata n'esta casa, vociferou Gilberto — comer e beber — mais nada. Pois deixa estar que está bem. Amanhã vou comprar uma de ferro.

E assoprando concluiu de papo feito:

— Veremos então quem brinca.

O resto da tarde e a noite que se lhe seguiu foi de hostilidade declarada entre marido e mulher, por causa dos filhos.

Gilberto estava nervoso, implicante, intoleravel. Se fosse homem dado a bebidas havia de cuidar-se que tinha a sua pinguinha de mais.

Houve momentos em que ninguem se entendia: os pequenos choravam, os paes ralhavam, e as criadas zangavam-se umas com as outras.

D. Perpetua nem poude n'essa noite resar o seu terço.

Cruzes! que se mettera o diabo no corpo ao marido!

Figas! que o demonio do cão tinhoso estava com elles entre dentes, mordendo-se de inveja da boa harmonia em que até alli tinham vivido aquelles dois esposos, e disposto a fazer com que não participassem do celestial queijo reservado pelo Padre Eterno aos bem casados, queijo que afinal de contas já deve ter bolor, e que parece estar reservado a ficar intacto até á consummação dos seculos.

D. Perpetua não acreditava em bruxas, mas tinha medo d'ellas, e na verdade, uma coisa assim, uma tal loucura do marido só por arte má se explicava, coisa de bruxaria, mal que lhe houvessem feito.

O dia seguinte não despertou mais bonançoso.

Gilberto não poude parar na cama e foi o primeiro a levantar-se.

Madrugou, o que estava fóra dos seus habitos, e fez madrugar todos em casa, o que foi uma completa revolução na familia.

Embrulhou-se no seu chaile-manta, e elle ahi vae a metter o nariz pelos quartos dos filhos e dispensando sobre elles, de envolta com descargas de grossa expectoração, estas palavras como em tiroteio de atiradores:

— Vá... Vá... leva a riba!

Aos que não obedeciam á intimação, deitava-lhes a roupa abaixo, e fazia-os saltar em pelote para o sobrado.

Ás sete horas já estava o almoço na mesa, e ás oito já o papá Gilberto havia regado os canteiros das flôres, enchido as quatro caldeiras das laranjeiras que ha dois dias não viam agua, e mostrava-se em muito boas disposições de plantar uma porção de cebolinho.

D. Perpetua via que se aproximavam as horas da repartição, e sem se levantar da sua cadeira dizia ás criadas que estava gabando o descôco do senhor.

Ás oito e meia já impaciente mandava-lhe recordar que eram já horas de ir para baixo.

A criada voltava trazendo por unica resposta estas palavras do papá Gilberto:

— Hoje não vou á repartição.

Era tudo extraordinario n'aquelle dia!

Ás nove em ponto Gilberto entrou no seu escriptorio, escovou-se, e poz na cabeça um barrete bordado a matiz.

Tudo isto continuava a estar ainda fóra dos seus habitos, porque de ordinario quando excepcionalmente faltava á repartição, não sahia do quintal. Era cavar e dar á bomba desde pela manhã até á noite. O criado é que

lais e Trieste 154. Não é pois de extranhar que toda a Austria exultasse com este facto, e que o imperador, regressando da entrevista de Skiernièwice viesse, com todos os principaes personagens assistir á festa da inauguração que foi brilhantissima, pois aquelle facto tendo grande importancia pelo lado commercial, não o tem menor pelo lado estrategico, permittindo á Austria transportar as suas tropas de qualquer ponto do seu territorio áquelle em que lhe forem mister.

Sarah Bernhardt. Partiu esta grande actriz no dia 26 do mez findo para as provincias e para o estrangeiro (Belgica e Hollanda), onde vae dar uma série de representações, segundo contractos ajustados. Em Lyon a 27 e 28, em Dijon a 29, em Nanci a 30, e assim continuará a sua viagem, dirigindo-se áquelles paizes. Deverá estar de volta em Paris pelo meado de outubro para se proceder aos ensaios do drama *Theodora*. Depois vae á America, cujo contracto já assignou, sendo acompanhada por Marais e Joanna Bernhardt; o reportorio que alli vae desempenhar compõe-se da *Adrianna, Fedora, Theodora, Frou-frou, Dama das Camelias, Macbeth, Romeo e Julieta*, se o sr. Richepin concluir a sua traducção a tempo. A primeira representação será dada em Lisboa, ponto de partida para America. D'aqui passará a companhia ao Rio de Janeiro, Buenos Ayres, Montevideo, Prata, e voltará por New-York e Norte. Afiem pois os lisboetas as suas esperanças.

Conferencias pedagogicas. Principiam no dia 3 e terminam no dia 11 do corrente as conferencias pedagogicas effectuadas pelo sr. José Antonio Simões Raposo, na sala das sessões da Camara Municipal de Lisboa. A estas conferencias são obrigados por lei a assistir todos os professores primarios do circulo escolar, etc. As conferencias são divididas em tres partes, tratando a primeira da organisação do ensino; a segunda, methodologia geral e especial; a terceira, situação do professor em face das neccessidades reclamadas pelo ensino assim organisado. As pessoas que desejarem assistir a estas conferencias podem requisitar bilhetes na Camara Municipal de Lisboa.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A musa na infancia *(primeiros versos)* — *pelo sr. José Cruz, Porto — Typographia do Julio Diniz, Lordello do Ouro, 1884*. 107 pag. 1 de errata e outra de indice. Que os versos sejam os primeiros do auctor, é natural, e até se conhece por algumas incorreções metricas, mas que seja *Musa na infancia*, já não parece, porque trata assumptos em que não se pensa na infancia. Com mais tempo, mais pureza de linguagem, e correcção do metro, que farão realçar as faculdades naturaes do auctor, teremos no sr. José Cruz, um poeta de valia.

Revista dos estudos livres. *Directores litterario-scientificos, em Portugal:* doutor Theophilo Braga e Teixeira Bastos; *no Brazil:* doutores Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero. — *Lisboa, Nova Livraria Internacional, rua do Arsenal, 96*. N.º 7 do 2.º anno, setembro de 1884. Comprehende os seguintes artigos: *O Budhaismo*, por C. von Koseritz; *Historia da pedagogia em Portugal*, por Theophilo Braga; *Litteratura brazileira*, por Sylvio Romero; *A exposição agricola de Lisboa em 1884*, por F. de Figueiredo; *Poesia philosophica e scientifica*, por Julio Lourenço Pinto; *Ensaios de economia politica*, por J. E. Gomes; *Bibliographia*.

Os fantoches de madame Diabo, por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá. David Corazzi editor, Lisboa. Volume 5.º d'este romance illustrado com aguarellas de Raphael Bordallo Pinheiro, e a que já nos temos referido com louvor.

A vida das flores, edição de David Corazzi. Fasciculo 38 com uma chromo «Lyrio Aquatico.»

Almanach litterario e artistico para 1885 «dedicado ao eximio poeta Gomes Leal.» É este o titulo de um novo almanach que apresenta uma collaboração litteraria muito variada e o retrato do poeta a que é dedicado.

The British Trade Journal, publicado em Londres, 113 Cannon Street. O numero que recebemos é o 16 de vol. iv. Este jornal é de grande utilidade para o commercio e industria pela grande quantidade de artigos que publica referentes a estes dois ramos, e que bem mostra o quanto lá fóra se trabalha em pró d'estes dois grandes elementos de riqueza. O commercio e a industria interessa muito com esta publicação que lhe dá noticia do commercio de todo o mundo, e das novidades industriaes quer de productos fabricados, quer de novas machinas e outros instrumentos applicados á industria. Esta revista consta de 52 paginas in-folio e profusamente illustradas com gravuras de machinas, etc.

Exposição districtal de Coimbra em 1884. Divide-se este livro que é precedido de uma introducção pelo sr. A. A. da Fonseca Pinto, em tres partes, sendo a primeira «Revista» firmada pelo sr. Eduardo Mendes Simões de Castro; a segunda «Conferencias» e a terceira «Premios.» Junto á primeira parte publica uma secção «A Figueira e a Exposição» firmada pelo sr. F. M. de Lima Nunes, delegado da exposição na Figueira da Foz. Esta exposição iniciada pela *Escola Livre das Artes do Desenho*, util e importante associação fundada pelos artistas de Coimbra em 1878, foi um certamen muito lisongeiro para a industria conimbricense pois que o jury concedeu 336 diplomas, o que mostra a concorrencia de productos que houve á exposição. Da sua importancia dá conta circumstanciada o livro de que vimos de falar.

AINDA A PROPOSITO DO CHOLERA

O novo desinfectador do vasilhame ou sulfurador auto-ustullador.

Como dissemos, no nosso anterior artigo, no numero 207 do Occidente, e a proposito da — *desinfecção pelo gaz acido sulfuroso*, — na beneficiação do vasilhame despejado, proveniente de portos sujos ou suspeitos, que deve ser feita, quer nas alfandegas quer nos lazaretos ou a bordo, com toda a circumspeção, e em ordem a evitar a transposição e a diffusão na atmosphera, do ar morbifico contido nas mesmas taras ou vasilhas, deve empregar-se um *sulfurador* de construcção especial, porque, frequentes vezes, os gazes e vapores *(acido acetico, acido carbonico, azote*, etc.), devidos a fermentações varias, que se desenvolvem dentro d'ellas, impedem ou alimentam mal a combustão do enxofre.

Portanto, dois casos se podem dar, na sulfuração do vasilhame: — 1.º o ar da vasilha póde alimentar a combustão; — 2.º o ar da vasilha não combusta absolutamente, ou combusta mal o metalloide.

No primeiro caso, o novo apparelho funcciona á maneira do nosso *fumigador sulfo-thermico*, injectando o *acido sulfuroso secco* no espaço viciado; no segundo, o ar infecto, e não comburente, é aquecido ou *ustullado* a uma elevada temperatura, que póde attingir 200° centigrados, e mesmo mais, á custa do calor da combustão do enxofre, para lhe destruir os germens pestillentes de que precisamos libertal-o.

O apparelho que imaginei e fiz construir, para esta ordem de beneficiações, é o *sulfurador auto-ustullador*, que se compõe (fig. 1 e 2) de um *fornilho* formado por uma especie de funil, de folha de Flandres, B, de duplo collo cylindrico e concentrico, *t t' t'*, appoiado sobre quatro pés, *e e*.

Dentro d'este *fornilho* ha um tubo conico, curvo, *o o'*, aberto em ambas as extremidades, sobre o qual descança a *capsula* ou *grelha* annular, *d d*, onde se lança e combusta o enxofre; e em *i*, um outro tubo, igualmente aberto de ambos os lados, e de secção quadrangular; as aberturas exteriores d'estes dois tubos, podem, por meio da corrediça, *c*, fechar-se ou abrir-se alternadamente, isto é, quando se intercepta o postigo do tubo, *o o'*, abre-se o do tubo, *i*, e vice-versa.

O fornilho é coberto por uma tampa pyramidal, *A A*, (fig. 2), contendo internamente um *ustullador, u u*, especie de *revérbero*, que se compõe de uma caixa metallica concavo-convexa, na qual se encerra uma conducta em espiral, *u u*, que começa na tubuladura, *r*, e termina na base

---

pagava as favas. Elle tinha de o ajudar, e suava-lhe o topete porque o senhor fazia-o andar n'uma roda viva e era dar-lhe de enxada, e era dar-lhe de sachola, de ancinho, de podão, de todos os modos!

As nove e um quarto bateram á porta tambem extraordinariamente.

De ordinario áquella hora já tinha vindo o leiteiro e o padeiro, e só por occasião de festas quando se recebiam os presentes, é que tão cedo começavam a aparecer recados para o senhor.

Visitas e paparocas vinham sempre mais tarde.

Foi correndo o criado a saber quem era, e voltou de cara á banda, com grande espanto dizendo a médo:

— Ah senhora, está alli o confessor!

Que agoiro aquelle!

D. Perpetua não gostou nada da graça.

— Porque não o mandastes bater a outra porta? A quaresma ainda vem longe. Ora elle ha coisas... vae, vae.

A ama, a criada do meio apareceram a rir da historia.

Tinham-n'o ido espreitar á janella. Que esquesito!

— Elle tem mais cara de fome que de padre, senhora.

Gilberto saiu do escriptorio revestido de toda a sua gravidade.

— O' menino queres saber? Veio-nos ahi agora bater á porta o confessor.

Gilberto estendendo a destra disse:

— Manda-o entrar.

D. Perpetua de braços estendidos e de bocca aberta, ficou como se visse um sapo!

Gilberto explicou então em portuguez do seu tempo:

— É o mestre dos rapazes.

Advertiu porém que não lhe chamassem mestre, porque mestre, era sapateiro, e o homem não fazia botas, era pessoa muito de bem que leccionava em muito boas casas.

Deviam-lhe chamar professor, senhor professor, era como se dizia agora, como estava em uso.

O mestre foi introduzido pela ama que franziu logo o nariz, ao vêl-o com o casaquinho no fio, muito escovado e luzidio nas mangas, collete de seda em quadradinhos não lhe passando da bocca do estomago, e calça côr de flôr de laranja muito esticada pelas presilhas e mais justas ao corpo que a meia de seda de um archeiro da real guarda.

Pelo que disse de si para si com uma cara muito enjoada.

— Temos outro freguez para os jantares do domingo.

Gilberto, ainda elle vinha no corredor já lhe gritava do fundo do quarto:

— Entre, entre.

Ao que elle voltava:

— Com sua licença cá vou entrando.

Gilberto apresentou-o a D. Perpetua, fel-o tomar assento a seu lado, e encarecendo-lhe os meritos não esqueceu mencionar que tinha sido discipulo do grande padre Vicente, da Congregação do Oratorio.

— Ah! então hade saber fazer folhinhas. Eu não gasto de outras, tenho sempre duas, a da porta e a da algibeira.

O pobre do professor desejaria rir se a sua vida triste e miseravel o não houvesse de ha muito desabituado d'esse natural desafogo.

Mas no fundo o caso não era para graças, o caso era muito serio.

Tratava-se de aturar todos os filhos de Gilberto por tres quartinhos cada mez, quatro vezes por semana.

Quem ia alli em taes conjuncturas, não podia ter muita vontade de se rir.

Ponderou como quem fala com o coração nas mãos que as suas circumstancias não eram boas, que tinha sido bem nascido e malfadado, por causa da cabeça de seu pae que era como todos os morgados...

A elle não lhe estava bem explicar-se melhor.

O que lhe valia eram alguns discipulos que tinha.

Nunca pensou em ter de andar a aturar filhos alheios, e alguns Deus sabe com que educação.

Gilberto começou logo a tomal-o á conta de pobre e soberbo.

Foram-lhe emfim apresentados os pequenos, logo com a prevenção de que eram *maus como cobras*.

Gilberto para dar força ao mestre, repetiu então o discurso da vespera, aquelle discurso de *rachar*.

Os rapazes á socapa riam-se e acotovelavam-se, ao ouvil-o em segunda edição, sabe Deus com que vontade de repetirem ao papá Gilberto o côro do *papão vae-te embora*, D. Perpetua sem poder conter-se, em frouxos de riso, levava tambem o lenço á bocca; as criadas lá ao fundo da casa soltavam a medo a sua fungada.

E o senhor professor todo enfiado não sabia se estavam a rir-se d'elle, e mirava-se todo, porque emfim somos o espelho uns dos outros, e nada mais natural do que haverem-se-lhe descosido as calças em parte que o tornasse ridiculo.

Mas qual!

(Continúa)

Leite Bastos.

da chaminé, *b*, em communicação livre com a atmosphera; para facilitar a montagem e desmontagem do apparelho, a tampa tem, tambem, exteriormente, duas azas, *n n*.

É na concavidade d'este *revérbero* ou *ustullador*, que os raios calorificos, emittidos ou irradiados pelo enxofre em ignição, convergem, elevando-lhe a sua temperatura a 200° centigrados, e mesmo mais; e é n'este *ustullador*, como adeante veremos, que o ar confinado na vasilha, vae perder, sob a influencia do calor, as suas propriedades viciantes.

A tubuladura, *r*, adapta-se perfeitamente ao canal descontinuo *s' s*, ligado ao espaço annular, formado pelo tubo, *t t'*, em redor do tubo *injector*, *t'' t'*, que despeja na vasilha, o gaz acido produzido pelo apparelho, e á extremidade interior do tubo rectangular, *i*.

O tubo de aspiração, *t t'*, termina conicamente, para poder ajustar-se bem ás batoqueiras das vasilhas (cascos, pipas, quartos, barris, etc.); além d'isso póde, tambem, descer mais ou menos, verticalmente, por um movimento de tiragem, e adaptar-se hermeticamente áquellas aberturas.

Para beneficiar *(sulfurar)* internamente uma vasilha, e, em geral, uma capacidade circumscripta qualquer, introduz-se o tubo de aspiração, *t t'*, do apparelho, na batoqueira ou abertura por onde deve ser injectado o *gaz sulfuroso;* depois lança-se a *flor de enxofre* na *capsula, d d*, e inflamma-se, pelo modo que já dissemos.

Se a vasilha está limpa, e contem ar proprio para a combustão (primeiro caso), colloca-se o *ustullador-tampa* ou *revérbero* sobre o *fornilho*, B, de modo que a tubuladura, *r*, coincida, exactamente, com a abertura interior do tubo, *i*, e desce-se a corrediça, *c*, até fechar o postigo do tubo, *o o'*, e descobrir o do outro tubo, *i*.

N'estas circumstancias o *gaz sulfuroso*, que se produz no apparelho, em virtude do seu notavel peso, desce pelo tubo *injector*, *t'' t'*, e ganha o fundo da vasilha (em que mais tarde se diffunde), desloca e faz sair d'ella um igual volume d'ar confinado, que sobe pelo espaço annular, formado pelos tubos, *t t'* e *t'' t'*, atravessa o canal *s s'*, e vae alimentar a combustão do metalloide.

Simultaneamente, o ar exterior (livre) entrando por *i* e *r*, na conducta, *u u*, do *ustullador*, refresca ou resfria notavelmente o *gaz sulfuroso*, torna-o mais denso, e, por conseguinte, mais apto, para, pelo seu peso, sair veloz do apparelho.

Como se vê, n'este exemplo, é o proprio ar contido na vasilha, que vae queimar o enxofre, que arde sobre a *capsula* ou *grelha*, e *calcinar-se, sem sair do apparelho*, no mesmo foco da combustão, onde perde as suas propriedades inficcionantes.

No segundo caso, isto é, quando o ar da vasilha além de inquinado pelos *micro-organismos*, é, tambem, uma especie de *moffete*, que não póde combustar facilmente o enxofre, recorremos ainda á acção destructiva do calor, a um grau relativamente mais baixo ou menos intenso, mas muito sufficiente para destruir perfeita e completamente, todos os microscopicos mas terriveis germens de infecção. A differença no modo operatorio, n'este segundo caso, consiste só em deixar aberto o postigo, *o*, e fechado o do tubo, *i*; e em fazer communicar a abertura, *r*, do *ustullador, u u*, com o canal descontinuo, *s s'*.

Agora, o ar insalubre da vasilha, deslocado pelo *gaz acido sulfuroso*, que n'ella vae entrando, sobe pelo tubo, *t t'*, e canal, *s s'*, passa por *r*, á conducta em espiral do *revérbero* ou *ustullador, u u*, ahi aquece-se a uma temperatura que oscilla entre 150° e 200° centigrados, que lhe destroe os *micro-organismos*, e sae, finalmente, quente, mas já inoffensivo, pela chaminé, *b*, para a atmosphera.

Por excesso de precaução, este ar, ao passar pelo canal, *s s'*, mistura-se n'uma determinada proporção, com um filete de *gaz sulfuroso*, que é aspirado e arrastado, atravez d'uma fenda ou solução de continuidade, praticada para este fim, no canal descontinuo *s s'*, do apparelho.
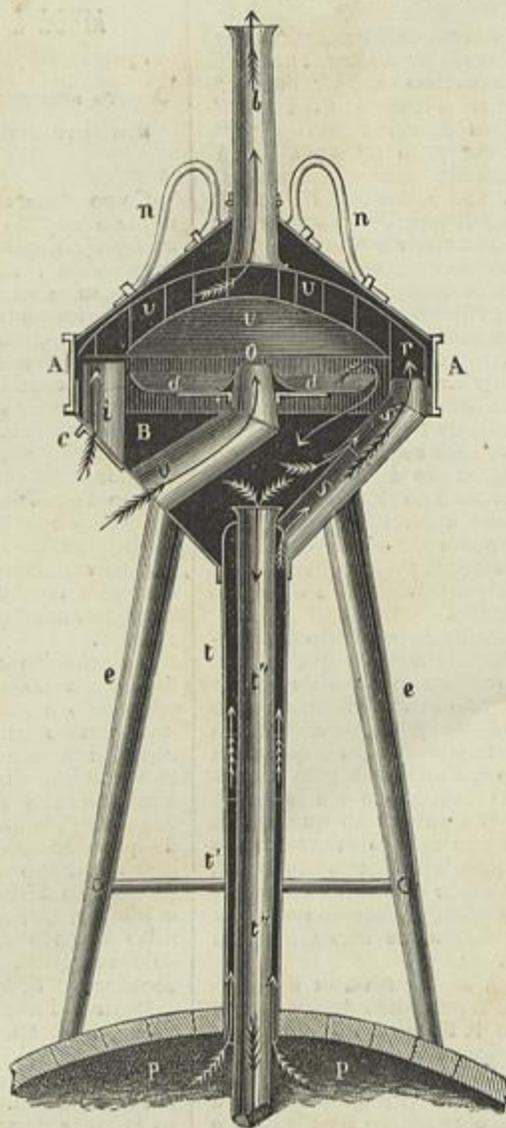
Fig. 1 — Sulfurador auto-ustullador, de Silva Pinto

Fig. 2 — Ustullador-tampa

Depois de bem sulfurada a vasilha, desmonta-se o *sulfurador*, mette-se o batoque na batoqueira, e deixa-se assim ficar, durante algumas horas.

Com um d'estes apparelhos, de formato regular, carregado com 150 grammas de *flor de enxofre*, póde-se sulfurar 10 cascos, de 600 litros cada um, em pouco mais de uma hora.

Para fazer cessar a combustão do enxofre, basta fechar por meio da corrediça, *c*, os dois postigos do instrumento.

Eis aqui, pois, muito succintamente exposto, em que consiste o nosso *sulfurador auto-ustullador* e o modo pratico d'elle funccionar.

Agora resta-me dizer uma palavra, ácerca dos motivos que me levaram a construir e a apresentar em publico este apparelho.

Logo depois de apparecer o *cholera* em Bordeus, como é sabido, foi prohibida a entrada no nosso porto de Lisboa, aos navios d'aquella proveniencia.

Por este facto, alguns dos nossos negociantes e exportadores dos nossos vinhos, que enviaram as suas remessas para aquella cidade da França, viam-se impossibilitados de poder rehaver os vasilhames exportados, e isto, logo n'uma occasião muito proxima das vindimas.

N'esta situação, parecia a alguns, que uma beneficiação energica, applicada ás taras entradas, no lazareto, ou mesmo a bordo dos transportes, evitaria o perigo da invasão do *cholera*, por este lado, e poderia consentir-se no desembarque d'ellas, o que habilitaria os exportadores, a continuar regularmente as suas transacções com aquella praça. Pensou-se até, em representar ao governo, n'este sentido.

Actualmente, porém, ás proveniencias de Bordeus, já lhe concedem quarentena, posto que rigorosa; todavia, a questão da beneficiação, ficou ainda de pé, porque não estava resolvido, como devia ser feita.

Ora, meditando e estudando bem o assumpto, chega-se á conclusão de que, a desinfecção que mais convém ao vasilhame para vinhos, é a feita pelo *gaz acido sulfuroso;* mas esta, para não ser perigosa para a salubridade publica, deve ser feita cautelosamente e em condições diversas das da *sulfuração* ordinaria.

Era preciso, portanto, um apparelho para effectuar essa sulfuração em condições especiaes, e foi para esse fim que engenhei o novo apparelho, que apresento e proponho, como o unico, me parece, pelo menos por emquanto, no caso de poder satisfazer plenamente aquelle fim

A sulfuração feita pelo processo ordinario, ou queimando o enxofre (em *méchas* ou em tigelinhas) dentro das vasilhas, é inconveniente e perigosa. O convencimento d'esta minha affirmativa, é facil de o ter.

Apresentemos um exemplo.

Um casco de 600 litros, infecto, deve ser sulfurado, *pelo menos*, a 1 por cento, para o que são precisos 6 litros de *gaz sulfuroso*. Para obter este volume de gaz, tenho de queimar 8gr.,64 de enxofre.

Se a sulfuração se fizer pelo processo ordinario, durante a operação, saem, n'este caso, 30 litros de ar infecto de dentro da vasilha, que se perdem na atmosphera, viciando-a.

Se, porém, o enxofre fôr combustado dentro da vasilha (em *mécha*, tigela, etc.), o caso é muito peior, por que a quantidade de calor desenvolvido por aquelle peso de enxofre, quando arde (19,18 calorias), é tal, que póde elevar a tempe-ratura dos 600 litros d'ar, contidos na vasilha, a 103° centigrados, o que augmenta, por dilatação, aquelle volume d'ar, em cerca de 228 litros!

Isto significa, simplesmente, que mais de um terço do ar infecto contido na vasilha, sairá pela batoqueira d'esta, e se espalhará na atmosphera, em quanto se vae produzindo a combustão do metalloide.

Com o novo *sulfurador*, como vimos, tudo isto se evita; por isso que até, devido á construcção do apparelho, o gaz sulfuroso vae já frio, quando entra para dentro das vasilhas.

Lisboa, 27 de setembro de 1884.

M. V. da Silva Pinto.
(Do Instituto Industrial de Lisboa.)

Typographia Elzeviriana — Lisboa